



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA CLARA GONÇALVES FILGUEIRA

**MORTE E LUTO NA INFÂNCIA: O PAPEL DA FAMÍLIA NA ELABORAÇÃO DO
LUTO INFANTIL**

Juazeiro do Norte
2021

MARIA CLARA GONÇALVES FILGUEIRA

**MORTE E LUTO NA INFÂNCIA: O PAPEL DA FAMÍLIA NA ELABORAÇÃO DO
LUTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque

Juazeiro do Norte
2021

MARIA CLARA GONÇALVES FILGUEIRA

**MORTE E LUTO NA INFÂNCIA: O PAPEL DA FAMÍLIA NA ELABORAÇÃO DO
LUTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque

Aprovado em: 02/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque
Orientador(a)

Prof. Esp. Indira Feitosa Siebra de Holanda
Avaliadora

Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior
Avaliador

MORTE E LUTO NA INFÂNCIA: O PAPEL DA FAMÍLIA NA ELABORAÇÃO DO LUTO INFANTIL

Maria Clara Gonçalves Filgueira¹
Joaquim Iarley Brito Roque²

RESUMO

O processo de luto e morte na sociedade ocidental tende a ser negado, mesmo sendo acontecimentos inevitáveis. Nesse sentido, perder um ente querido se torna um processo doloroso e principalmente na infância, onde a morte é vista como antagonista. Visto isto, o presente trabalho teve como objetivo principal descrever a importância de a família falar da morte com crianças. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e explicativa, e o levantamento bibliográfico feito através de artigos publicados entre 2005 e 2020 e livros clássicos que abordavam essa temática. O artigo apresenta um breve resgate histórico sobre a morte e como a criança compreende essa temática; o luto, o papel da família nesse momento e instrumentos lúdicos que facilitam a criança a elaborar esse luto. Observou-se que a morte é muitas vezes evitada de ser falada com as crianças por falta de preparo da família, esse ocultamento pode ser prejudicial ao seu desenvolvimento e em como a criança manterá suas relações na vida adulta. É indispensável o preparo, o acolhimento e a comunicação no momento do luto da criança.

Palavras-chave: Luto. Morte. Infância. Lúdico. Elaboração.

ABSTRACT

The process of mourning and death in Western society tends to be denied, even though it is inevitable events. In this respect, losing a loved one becomes a painful process, especially in childhood, where death is seen as antagonistic. Knowing this, the main objective of this work was describing the importance of talking about death with children. This is a qualitative, bibliographical and explanatory research- the bibliographic survey carried out through articles published between 2005 and 2020, and classic books that addressed this theme. This article presents a brief historical rescue about death and how the children understand this theme; the mourning, the role of the family at this time and ludics instruments that makes it easier for the children to elaborate this grief. It was observed that people often avoid talking about death with children because of the lack of preparation of the family. Surely, escaping this conversation can be harmful to their development and how they will maintain their relationships in adult life. It is essential to prepare them, receive this feeling and talk to them in their moment of mourning.

Keywords: Grief. Death. Childhood. Ludic. Elaboration.

1 INTRODUÇÃO

¹Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). E-mail: mariaclaragfilgueira@gmail.com

²Docente do curso de Psicologia da UNILEÃO. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Psicologia pela Faculdade de Tecnologia Intensiva (FATECI). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Educação pela UFC. E-mail: joaquimiarley@leaosampaio.edu.br.

Na civilização ocidental, a morte ainda é um assunto difícil de ser falado entre adultos e portanto, se torna muitas vezes um assunto proibido para as crianças. Os pais frequentemente procuram poupar os filhos do sofrimento, por acreditarem que a infância é um período de felicidade, e que falar sobre perdas pode fazer com que eles sofram por não entenderem esse acontecimento.

Paiva (2011) afirma que a temática é um assunto delicado por envolver nossas vulnerabilidades, a ignorância de não saber como lidar com nossa terminalidade e por ser um acontecimento desconhecido que foge do nosso controle. Por se tratar de um fenômeno universal, ela irá atingir a todos em algum momento da existência, inclusive as crianças.

A criança possui uma grande capacidade de observação, e quando o adulto nega ou evita falar sobre a morte, ela poderá se sentir confusa e manifestar sintomas. Ocultar a verdade da criança atrapalha o seu processo de luto e a forma como ela se relacionará com o responsável (KOVÁCS, 1992).

O trabalho apresenta como objetivo descrever a importância da família falar da morte com as crianças; especificando-se em descrever a compreensão que a criança tem da morte; analisar o papel da família na elaboração do luto da criança; investigar os danos da família mentir/omitir para crianças sobre a morte; e por fim, citar instrumentos lúdicos facilitadores para trabalhar a temática.

A pesquisa traz relevância científica por ampliar o olhar sobre o cuidado das crianças em relação ao luto e sua elaboração, dando um suporte científico e instrumental para se trabalhar essa temática. Do ponto de vista social, o estudo poderá contribuir para que a sociedade possa enxergar que o fenômeno da morte faz parte do contexto social em que as crianças estão inseridas, e as informações apresentadas poderão contribuir para o entendimento do fenômeno de forma a se criar o grau de conhecimento necessário para que se quebre a barreira do senso comum de que a criança não consegue compreender a morte. A quebra desse mito poderá ser realizada com a compreensão de que, assim como os adultos, as crianças também sofrem o luto e este pode ser abordado através de instrumentos que ajudará a criança a se expressar e compreender o processo do luto.

No primeiro tópico, o trabalho aborda um breve resgate histórico sobre a morte e em seguida como a criança compreende essa temática. O segundo tópico se refere ao luto, o papel da família na elaboração do luto da criança e instrumentos lúdicos que facilitam a criança na elaboração do luto, com uma tabela de sugestões de recursos que podem ser utilizados.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada na revisão de trabalhos já publicados com a mesma natureza, de modo a se coletar o máximo de informações que condizem e contribuam com a ideia central deste trabalho. Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para Guerra (2014) a abordagem qualitativa tem por objetivo a compreensão daquilo que se estuda. O fenômeno estudado será descrito, explicado e compreendido.

O levantamento bibliográfico foi feito através da biblioteca virtual SciELO, Google Acadêmico e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. A escolha dessas ferramentas se deu por ser bases utilizadas por acadêmicos em geral, ocorrendo uma aproximação do acesso a essa temática. Os principais descritores usados foram: Luto, Morte e Infância; selecionados apenas artigos em português publicados entre 2005 e 2020, e que fizessem uma relação com os objetivos do trabalho – voltados apenas para a compreensão da morte no Ocidente. Além disso, foram utilizados livros clássicos que abordam essa temática.

Por fim, quanto ao objetivo, trata-se de uma pesquisa explicativa, que “tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 2007, p. 42). Não terá como objetivo apenas apresentar o fenômeno, mas sim todos os aspectos que o rodeiam e contribuem para a sua existência.

3 A MORTE

Morrer para o ser humano envolve questões biológicas e uma dimensão simbólica, que está relacionada a psicologia e a ciência social (COMBINATO; QUEIROZ, 2006). Todo sujeito tem sua concepção e representação da morte. Guerreiro (2014) afirma que o homem questiona sua existência e origem através da religião e da filosofia, e por ser um mistério, a morte causa perturbação e temor pelo que virá no pós-morte; o ser humano não suporta a ideia de que não exista nada além da sua finitude. A morte não se encontra no “continuum”, “é ponto de ruptura, ela interrompe a continuidade; faz cessar a própria possibilidade de mudança ou transformação” (MARTON, 2018, p. 21).

Visto que a religião é um importante mecanismo para enfrentar os mistérios da morte, Kubler-Ross (2017) traz que antigamente mais pessoas acreditavam em Deus e essa crença vinha acompanhada da certeza de que havia vida pós-morte e todo sofrimento vivido na terra era recompensado. Atualmente existem menos pessoas que têm essa crença, e com isso

surge a negação e a dificuldade de aceitar a finitude, pois como foi dito, o ser humano não consegue lidar com a ideia de que não há nada no pós-morte.

A morte só é experienciada pelo indivíduo através da morte dos outros, para Kubler-Ross (2017), o inconsciente acredita que a morte é algo que só acontece com os outros, pois é incompreensível o sujeito pensar no seu próprio fim de vida e se há um final, este está relacionado a algo maligno. Ao falar sobre a morte o homem se depara com sua própria finitude e esta ideia causa frustração, angústia e medo.

Marton (2018) cita que o filósofo Schopenhauer apresenta a morte como a musa da filosofia, essa afirmação pode confortar o medo da morte, visto que mesmo com a aniquilação do indivíduo sua essência permanece. A morte é vista como uma reflexão a ser feita para o sujeito viver uma vida melhor e reavaliar seus atos. Sendo assim, a Filosofia mostra que vida e morte andam juntos e que “estar vivo é correr para a morte, porque a morte não é um acontecimento final, mas uma característica própria de tudo aquilo que vive” (p. 5).

De acordo com Kovács (1992) a morte sempre esteve presente, desde o grupo do homem primitivo e acompanhou o cotidiano de todos os indivíduos ao longo do tempo envolvendo seus rituais e crenças. A autora afirma que a morte é personificada conforme a cultura em que o sujeito está inserido, elaborando sinais, símbolos e significados para lidar com a finitude.

Antigamente a morte era pressentida e o moribundo próximo de sua finitude deixava claro suas recomendações e recebia sua família, parentes e amigos no seu leito de morte. A cerimônia não era dramática e após a morte era posto em prática os rituais e costumes que manifestavam o luto. A morte não era temida e sim o morto, portanto era seguido costumes como cobrir espelhos, fechar janelas para que o morto não pudesse retornar e atormentar os vivos (MARANHÃO, 1985; ARIÈS, 2003).

A morte domada foi o termo utilizado por Ariès (2003) para se referir a esse tipo de morte familiar, aquela que acontecia ao lado dos seus entes queridos e vista como natural, sendo assim, “os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos” (ARIÈS, 2003, p. 39).

Nos dias atuais a morte é vista apenas como uma perda, Marton (2018) afirma que ela se tornou o maior desafio que o homem lida na atualidade, a sociedade industrial capitalista cobra sucesso e produtividade, o que o moribundo não pode oferecer. Portanto a morte é sinônimo de fracasso e impotência, se tornando um assunto que causa vergonha e deve ser proibido e evitado. Kovács (1992) confirma essa ideia ao trazer que no século XX a sociedade considera a morte um fracasso e por isso deve ser ocultada, passando a haver uma resistência a manifestar a dor e um declínio do luto, não há lugar para sofrer os sinais da morte.

A partir dessa compreensão, Marton (2018) traz que a sociedade na busca incessante pela vida e eficiência, acabou revelando uma cultura da morte, aonde há a exclusão dos idosos e pessoas enfermas; a morte deixa de ser experienciada no ambiente familiar e passa para o hospital, onde há um distanciamento da morte e uma aproximação incessante de uma imortalidade que o mercado médico e medicamentoso tenta oferecer.

Além do hospital fornecer um distanciamento das doenças, acaba por surgir uma morte solitária, o paciente não tem seus últimos minutos de vida ao lado de seus familiares que se tornam apenas visitantes e estes permanecem envoltos de dúvidas e medos, e na maioria das vezes, não é possível se despedir e vivenciar a morte da pessoa amada (MARANHÃO, 1985; KOVÁCS, 1992).

3.1 A MORTE E A CRIANÇA

A morte está presente desde o início no desenvolvimento humano e à medida que a criança se desenvolve ela tenta compreender o que ocorre em suas vivências. Os adultos acreditam que as crianças não compreendem a morte e criam justificativas com o intuito de poupá-las. “Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade” (KOVÁCS, 1992, p. 49).

Paiva (2018) aponta que mesmo que se tente fugir da morte, ela se faz presente no cotidiano de todos, e ao ser negada pode se tornar banalizada e indiferente. A autora continua com a dificuldade de se falar da morte, principalmente com crianças. Apesar de existir essa curiosidade e dúvidas por parte delas, a morte se tornou assunto proibido para o universo infantil. Acrescenta ainda que esse silenciamento pode acontecer por conta dos adultos não se sentirem preparados para lidarem com o assunto e utilizam o argumento de que é para proteger a criança quando, na verdade, é para se protegerem.

Maranhão (1985) afirma que a morte na atualidade é ocultada, assim como se escondiam de onde os bebês vinham. “Antigamente se dizia às crianças que elas tinham sido trazidas pelas cegonhas ou mesmo que elas haviam nascido num pé de couve, mas elas assistiam ao pé da cama dos moribundos às solenes cenas de despedidas” (MARANHÃO, 1985, p. 10).

O conceito da morte de acordo com Yamaura e Veronez (2016) é construído ao longo do desenvolvimento da criança e determinará como ela irá lidar com o seu sofrimento no presente e futuro ao perder um ente querido ou com questões de luto que possam surgir ao longo da sua vida. Se tornou costume excluirmos as crianças dos rituais fúnebres, e é importante que a

criança esteja presente nesses rituais com os adultos e participe das conversas para que não se sinta sozinha e possa elaborar seu luto com o auxílio dos responsáveis (KUBLER-ROSS, 2017).

Ao excluir a criança dos rituais e contar mentiras sobre a ausência do familiar, Kubler-Ross (2017) e Paiva (2011) reconhecem que a criança passa a não conseguir lidar com perdas ao longo de sua vida e se torna prejudicial ao seu desenvolvimento. Portanto, a criança logo perceberá que há algo errado e pode desenvolver sentimentos de abandono e culpa.

Visto isto, Kovács (1992) afirma que a morte está presente na vida das crianças, todas já perderam ou irão perder um animal de estimação, um ente querido. Ela tem a habilidade de observar tudo ao seu redor e quando o adulto foge de falar sobre o tema da morte com ela, essa criança pode apresentar sintomas como insônia, estado de ânimo depressivo, sintomas psicossomáticos, entre outros (KOVÁCS, 1992).

No universo infantil os desenhos animados mostram a morte como reversível, é difícil para que a criança desassocie essa percepção da realidade. Segundo Kubler-Ross (2017), a criança pode ver a morte como não-permanente e facilmente confundir com um divórcio, onde os seus pais podem voltar. Portanto, é reafirmada a importância de explicar para a criança as questões que envolvem a terminalidade e sua permanência.

Segundo Sengik e Ramos (2013), falar sobre a morte com a criança tende a amenizar a dor e ajudar a criança a elaborar o seu luto. Os autores afirmam ainda que a criança, mesmo sem conhecer o processo da morte, sente a perda de uma pessoa significativa e, por isso, a linguagem é indispensável para que a criança compreenda melhor a sua perda e consiga estabelecer outras relações.

Quando crianças enfrentam situações de perda, evidentemente experimentam medo, ansiedade e muitas outras reações de pesar, dor e desgosto. Crianças que sofreram perdas importantes sentem medo de serem devoradas pela intensidade de seus sentimentos. Os pais e outros adultos significativos desempenham papel importante nesse momento da vida da criança, e a forma como eles a acolhem em seu sofrimento influencia diretamente o modo como a criança enfrenta a experiência de perda (PAIVA, 2011, p. 47).

Portanto, a criança adquirirá o entendimento sobre a morte a partir das suas experiências, e de acordo com Thomaz (2020), são nesses momentos que a presença de um adulto se faz necessária, pois cabe ao responsável explicar e construir com a criança novos significados para a morte. Segundo a autora, é preciso um espaço para que ela possa falar e ser ouvida e assim, elaborar seu luto com apoio e acolhimento.

Visto isto, Lima e Kovács (2011) citados por Thomaz (2020) mostram a importância de o diálogo ser estabelecido de forma adequada através das palavras da criança, respeitando o nível de desenvolvimento e linguagem dela, podendo ser utilizados livros lúdicos e outros

elementos do mundo infantil para facilitar a interação. Paiva (2011) reforça que a literatura infantil pode ser um instrumento facilitador no qual leva a criança a superar seus conflitos e ressignificá-los, fazendo com que ela esteja receptiva ao novo.

Kovács (1992) afirma que o pensamento mágico e a onipotência fazem parte do desenvolvimento infantil e é recorrente as crianças se questionarem sobre sua mortalidade. A criança se depara com um mundo rodeado de morte nos filmes, jogos, na TV e assim ela relaciona a morte à violência e a forma de se proteger é acreditar que a morte só atinge os outros. A autora também traz a culpa como um sentimento referente a morte que está presente na infância e este se relaciona ao pensamento onipotente da criança “e com os elementos de socialização que levam a desejos de morte, de tal forma que, se ocorre uma morte, é inevitável que a criança estabeleça uma relação entre esses desejos e a morte efetiva” (KOVÁCS, 1992, p. 4).

Paiva (2011) aponta a importância de repensar a morte na constituição do indivíduo e que esse fenômeno deve ser tratado como natural e parte da vida, sendo necessária uma preparação para a morte desde a infância. Para isso, a autora afirma ser necessário pensar e falar sobre o fim da vida para preparar o indivíduo a lidar e não fugir da morte.

Isso não significa que a criança não irá apresentar medo da morte, Kovács (1992) explica que a criança possui sim, o medo da morte, mas acredita que seja reversível e é normal no desenvolvimento infantil. Quando a morte passa a ser irreversível para a criança, ela começa a ter receio de seus desejos de morte, pois se torna algo que pode acontecer tanto com os outros quanto com ela. E segundo Anthony (2009) esse medo da morte surge aos 6 anos, relacionado ao medo da mãe morrer e medo de lesão no seu corpo e é aos 8 anos que ela percebe que a morte pode atingir a si mesmo e é consequência de alguma doença, acidente e outros.

4 LUTO

O luto segundo Apa (2010) é um processo no qual o sujeito irá sentir e expressar sentimentos como tristeza após ou durante a morte de um ente querido. “Envolve tipicamente sentimentos de apatia e abatimento, perda de interesse no mundo exterior, e diminuição na atividade e iniciativa. Essas reações são semelhantes à depressão, mas são menos persistentes e não são consideradas patológicas” (APA, 2010, p. 568).

As perdas podem ocorrer no decurso do desenvolvimento humano, Bowlby (1989) defende a “teoria do apego” na qual o apego é um mecanismo natural do ser humano e, portanto, existe a propensão de criar vínculos afetivos. O autor afirma que os primeiros vínculos criados

na infância, podem interferir nas relações durante a vida desse sujeito e estes laços manifestam-se pela necessidade de segurança e são geridos a poucas pessoas da vivência da criança, e dura boa parte do ciclo vital.

O quadro abaixo apresenta respectivamente as fases do luto de John Bowlby (1998), as tarefas do processo de luto de J. William Worden (1998) e etapas do processo do luto infantil:

	Bowlby (1998)	Worden (1998)	Torres (1999)
Fases/Tarefas/Etapas	O entorpecimento	Aceitar a realidade da perda	Protesto
	O anseio	Para Elaborar a Dor da Perda	Desespero e desorganização da personalidade
	A desorganização e o desespero	Ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu	Esperança
	A reorganização	Reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida	

Fonte: adaptada de Silva (2016).

Bowlby (1998) define o entorpecimento como a primeira fase, onde o enlutado fica em estado de negação da morte com breve duração. A segunda fase é marcada pela raiva e desejo de que a pessoa morta retorne, esperando poder vê-la novamente. A terceira fase surge após o enlutado perceber que a pessoa morta não voltará e sente dificuldade em exercer tarefas do seu cotidiano. Depois de passar por todas essas fases, finalmente o enlutado completará a última fase que possibilitará a sua reorganização e seu restabelecimento, retomando a vivência normal do seu cotidiano.

Worden (1998) aponta quatro tarefas essenciais para a pessoa enlutada lidar com a perda. A primeira tarefa é aceitar a morte do ente querido e que não irá mais voltar; a segunda tarefa é experienciar a dor da perda para evitar a prolongação do luto; a terceira tarefa é a pessoa se ajustar a ausência da pessoa que morreu. autor continua citando três tipos de ajustamentos pelo quais o enlutado deve enfrentar, sendo “ajustes externos, ou a forma como a morte afeta o funcionamento habitual no contexto geral; os ajustes internos, ou como a morte afeta o senso de si mesmo da pessoa; e os ajustes espirituais, ou como a morte influencia crenças, valores e suposições da pessoa sobre o mundo” (WORDEN, 1998, p. 26). E por último, a quarta tarefa consiste no enlutado direcionar energia emocional para outros relacionamentos sem esquecer a

pessoa amada, mas compreender que a vida continua e não impedir de ter novas vivências e novos relacionamentos.

Torres (1999) identifica que a criança passa por etapas para elaborar seu luto. Na primeira, a criança não acredita na morte da pessoa e deseja seu retorno, chora e busca objetos que a lembrem da pessoa. A segunda etapa é caracterizada pela criança aceitar que a pessoa não retornará sem esquecê-la, tornando-se retraída. Na terceira etapa, a criança já consegue estabelecer novas relações e organizar sua vida.

Kovács (1992) citando Raimbault (1979), afirma que para elaborar o luto, é necessário realizar um trabalho de desidentificação e desinvestimento de energia. Dessa forma, o sujeito transformará o objeto que perdeu em lembranças e atos, permitindo a ele investir energia em outros objetos. A autora aponta que quando não é trabalhado com a criança essa desidentificação, pode ocorrer da criança desejar se reunir à pessoa que morreu, pois o sentimento de culpa surgirá e ela se sentirá responsável pela morte do outro. Esse desejo de se reunir com a pessoa perdida, é manifestado por quedas e machucados, denominado por Aberastury (1978) apud Kovács (1992) como micro-suicídios.

Costa (2012) cita fatores contribuintes para a resposta que a criança terá à morte:

A relação com a pessoa falecida; a natureza da morte; a própria personalidade da criança e experiências anteriores com a morte; a idade cronológica e o nível de desenvolvimento da criança; a experiência de apoio familiar/social; o comportamento, atitudes e respostas dos pais e de outros adultos significativos (incluindo os profissionais da escola), no meio ambiente da criança (COSTA, 2012, p.11).

Yamaura e Veronez (2016) apontam que as crianças percebem a existência de perdas na vida e por mais doloroso que possam ser, elas existem e é algo natural. Kovács (1992) confirma este pensamento ao trazer que a dor faz parte da morte e do processo de luto e assim como o adulto, a criança sente, chora e depois passa pela aceitação e ocultar a verdade prejudica a relação da criança com a família e a elaboração de um luto saudável, pois se o adulto reforça a negação, a criança fica estagnada nessa fase e não poderá passar para as outras fases do processo.

A criança precisará elaborar o seu luto ao vivenciar a perda de alguém, Batistelli citado por Yamaura e Veronez (2016) afirmam que a criança conseguirá ter um luto bem elaborado quando mantém a pessoa que se foi dentro de si e por isso há a necessidade de o adulto auxiliá-la nesse processo em vez de evitar mencionar o ente querido supondo que a magoará. Kovács (1992) reforça essa ideia e traz a finalização do processo de luto na abertura da criança para

novas relações e em simbolizar seus sentimentos a respeito do ente que se foi através de suas brincadeiras e jogos.

4.1 PAPEL DA FAMÍLIA NA ELABORAÇÃO DO LUTO

Torres (1999) aponta atitudes que ajudam a criança a elaborar o seu luto, entre elas está a importância da comunicação na família, os pais ou responsável devem permitir um espaço onde a criança seja informada do que aconteceu e sejam compreensíveis com possíveis sentimentos que a criança pode sentir como raiva, saudade e culpa. “As crianças expressam a sua angústia se os familiares, os amigos e os docentes estiverem predispostos para as ouvir, ou mesmo atentos para uma eventual comunicação não verbal, através da exteriorização de comportamentos ou linguagem corporal” (COSTA, 2012, p. 2).

Paiva (2011) citando Velasquez-Cordero (1996) indica maneiras de ajudar a criança nessa elaboração, são elas:

1. Encorajar a criança a expressar seus sentimentos;
2. Responder às perguntas com sinceridade e expressar suas emoções honestamente;
3. Discutir a morte de forma que a criança possa entender;
4. Falar com a criança de acordo com seu nível de desenvolvimento;
5. Ser paciente. Permitir que a criança repita a mesma pergunta, expondo sua confusão e seu medo;
6. Não criar expectativas;
7. Sugerir caminhos para que a criança possa lembrar-se da pessoa (desenho, cartas...);
8. Aceitar os sentimentos, percepções e reações da criança, bem como diferenças de opiniões, dúvidas e questões;
9. Indicar serviços especializados, se for necessário;
10. Preparar a criança para continuar sua vida. Reforçar que ela se sentirá melhor depois de um tempo (lembrando que esse tempo é diferente para cada um) (Apud PAIVA, 2011, p.48).

Louzette e Gatti (2007) reforçam a necessidade de alguém de confiança da criança para contar o ocorrido, e assim, ela sinta que há apoio e carinho. Sem essa comunicação, a criança pode ficar agressiva, quebrar brinquedos, ser hostil com colegas e é nos detalhes que é possível perceber a tristeza que não é expressa com palavras.

Nesse sentido, é papel da família sanar as dúvidas que as crianças possam ter para que ela não entenda o silêncio como uma forma de censurar seus sentimentos a respeito do ocorrido e, portanto, “explorar e tentar responder as perguntas das crianças sobre a morte é muito melhor do que permitir que medos mágicos e não explicados atuem em sua imaginação” (TORRES, 1999, p. 161).

Segundo Nunes (1998), a raiva é uma reação esperada após a criança perder um ente querido, ela pode manifestar essa raiva de diversas maneiras, uma delas é ficar agressiva com um membro da família que permanece vivo. “De qualquer maneira, sabemos que a reação da

criança ao luto está bastante relacionada à forma como os pais ou pai sobrevivente e outros parentes abordaram esta questão com ela nas semanas e meses que sucederam a perda” (NUNES, 1998, p. 25).

Nesse sentido, Costa (2012) relata que ao abordar a temática da morte com a criança, deve começar o diálogo no nível da criança, frisando ser mais importante a atitude ao comunicar do que é dito. Portanto, o tom de voz e maneira de falar deve refletir afeto e se manter disponível e paciente, dessa forma será mantida uma relação saudável e a criança sentirá o desejo do adulto em ajudar.

Em relação à curiosidade da criança a respeito da morte, Paiva (2011) pontua que é importante deixar que a criança tire suas dúvidas e manifeste seu sofrimento também através de brincadeiras como jogos, desenhos e outros. Explica ainda que é importante prestar atenção na linguagem não verbal da criança, pois o silêncio para a criança pode ser prejudicial uma vez que passe despercebido.

4.2 INSTRUMENTOS LÚDICOS

O brincar é a maneira que a criança encontra para se relacionar com o mundo adulto, através da brincadeira e da fantasia que ela oferece se torna possível o desenvolvimento emocional e afetivo. (MACHADO; PASCHOAL, 2008). Para Affonso (2012), o adulto mantém um diálogo com a criança ao perceber que ela expressa suas dificuldades através do brinquedo e que esse ,dito, diálogo pressupõe um tipo de linguagem.

Axline (1984) aponta que a ludoterapia é uma forma natural pela qual a criança se expressa e é um meio que é utilizado para resolução dos seus problemas e externalização de sentimentos, assim como os adultos fazem ao falar. A escolha de instrumentos lúdicos deve levar em consideração a segurança e a relevância. Nesse sentido, deve ser usado instrumentos que não ponham em perigo a segurança da criança e que ofereçam estímulos para que a criança possa compartilhar suas experiências (AGUIAR, 2015).

Goldman (2004) citado por Costa (2012), identifica técnicas que podem ser utilizadas para ajudar a criança a elaborar seu luto, entre elas está a imaginação guiada, que pode reduzir a ansiedade da criança e criar pensamentos saudáveis. O autor também indica instrumentos como fantoches, livros, desenhos e jogos, que fazem com que a criança se expresse e projete seus sentimentos de forma lúdica. Além dessas técnicas, o autor propõe “o teste da realidade, que se mostra importante, para que a criança aceite a morte como algo irreversível, mas, para tal, deve promover-se um clima de estabilidade em que a criança perceba que a morte é uma

experiência comum e que poderá voltar a ter uma vida normal” (GOLDMAN, 2004 apud Costa, 2012).

Segundo Paiva (2011), a criança pode usar a leitura para se familiarizar com o contexto, sentimentos e entrar em contato com novas descobertas e situações. A autora afirma que ler desenvolve a imaginação e facilita a criança a se expressar. “Dessa maneira, o contato com as histórias e o manuseio de livros é um convite à fascinante viagem ao mundo da imaginação, que proporciona interesse e prazer à criança” (p.75).

Recursos lúdicos que podem ser utilizados pelos pais e terapeutas para facilitar a elaboração do luto da criança divididos em categorias:

Quadro 1 – Livros

Títulos	Autor	Idade	Descrição
O livro do adeus	Todd Parr	Até 6 anos	Aborda a perdas com linguagem fácil e ilustrações de um peixinho em um aquário.
A Abelhinha Poli	Hellen Cristina Ramos Queirós/ Érika Arantes de Oliveira-Cardoso/ Lucas dos Santos Lotério/ Jorge Henrique Corrêa dos Santos/ Manoel Antônio dos Santos	A partir de 5 anos	Poli é uma abelhinha curiosa, que quase foi comida por um urso distraído que matou outras abelhas. O livro proporciona reflexões e questionamentos a respeito da morte e do luto.
Pode chorar coração, mas fique inteiro	Caetano Galindo e Charlotte Pardi	6-8	Quatro crianças tentam enganar a morte para que ela não leve sua avó, mas a morte mostra a importância e a beleza da despedida. E assim, eles percebem que a vida é valiosa por que um dia ela acaba.
As Meninas, a Vovó... e a Saudade de Quem Foi Pro Céu	Ceci Baptista Mariani	6 - 9	Ana Clara é uma menina que perdeu a avó e lhe dizem que ela foi para o céu. A menina então resolve escrever uma história e lembra das pessoas e dos

			bichos de estimação que também morreram
O vovô não vai voltar?	Carmem Beatriz Neufeld/ Aline Henriques Reis	4-12	O livro conta a história de Pedro, um menino de 7 anos que perdeu o avô após ele ser internado no hospital. O livro se aborda o tema da morte através de 4 pilares; a universalidade, irreversibilidade, cessação da vida corporal e causalidade.

Fonte: Autora, 2021.

Quadro 2 – Brinquedos e jogos

Títulos	Idade	Descrição
Desenho livre	Livre	A criança se expressa através dos desenhos e expõe o que a perturba, facilitando a comunicação entre ela e o adulto.
Família Terapêutica	4 - 12 anos	A criança pode projetar a sua dinâmica familiar e sentimentos a pessoa que morreu.
Criança na Terapia: Trabalhando o Luto	A partir de 5 anos	Aborda o tema através de cartas de identificação, cartas de enfrentamento, cartas de ação, cartas de reação à perda, cartas de sintomas, cartas de psicoeducação e cartas de atividades.
Luto	A partir de 7 anos	A caixinha Luto facilita a conversa sobre o luto e abre um espaço para que a criança exponha seus desafios e dor no processo do luto.
Caixa/livro	5 – 12 anos	Pode auxiliar as crianças a iniciar uma discussão e a partilhar as suas memórias.

Fonte: Autora, 2021.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é um acontecimento universal, mas a forma que atinge cada ser humano é singular e ao longo do tempo com o desenvolvimento da medicina, a cultura ocidental findou por evitar falar sobre a morte e atribuiu medo e negação aos seus significados. Mas se tratando de um processo que é inevitável, o adequado é uma preparação e uma quebra dessa negação pois ao falar da morte, o ser humano consegue elaborar seu luto e se preparar para a finitude.

Nesse sentido, surge a necessidade de ser conversado com as crianças, pois toda criança já passou ou vai passar pela perda de alguém e saber como acolhê-la nesse momento é um ponto significativo para o seu processo de luto e para um desenvolvimento saudável. Como a família age e fala nesse momento pode tornar o processo de luto menos difícil ou prejudicial, já que ela é o alicerce e a principal influência que a criança possui.

A partir dos materiais analisados, foi possível perceber que o modo de como a criança vivencia o processo do luto, pode afetar e prejudicar suas vivências futuras. A criança percebe que está acontecendo algo de errado, a ausência do ente querido e a falta de explicações, pode ser sentido como um abandono ou como se a pessoa que morreu pudesse voltar. Ela passa por um sofrimento que muitas vezes não é percebido pelo adulto, pois às vezes a criança não se expressa falando, mas brincando. É através do brincar que ela consegue se comunicar e se reorganizar, sendo um importante recurso para ser usado tanto depois da morte para elaborar o luto, como antes como uma forma preventiva.

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre a importância de falar da morte com crianças considerando como a criança compreende essa temática. Foi abordado também o luto e suas especificidades, ressaltando que assim como os adultos, as crianças passam pelo processo do luto e necessitam de maneiras para elaborarem sua perda. O papel da família nesse momento é de permitir um espaço onde a criança possa tirar suas dúvidas, se sinta acolhida e não cultive ideias que possam prejudicar a elaboração do luto.

Por fim, foi apresentado a importância do brincar e da leitura para a criança, sendo a brincadeira usada para facilitar esse processo de perda. O estudo permitiu um aprofundamento em livros, brinquedos e jogos os quais abordam a temática da morte que podem ser utilizados pelos pais e terapeutas nesse momento.

O trabalho contribui para uma quebra do tabu e desmistificação que a sociedade ocidental impõe, evidenciando que a morte faz parte da vida das crianças e essas necessitam de um cuidado e apoio para elaborarem seu luto através de amparos instrumentais e científicos. Em relação a trabalhos futuros, é importante que haja um aprofundamento dos estudos para compreender esse fenômeno e abranger todas as singularidades que envolvem essa temática.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, R. M. L. **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

ANTHONY, S. M. R. A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 55-61, jun. 2009. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672009000100009 & lng= pt\ nrm=iso >. Acesso em 01 de dezembro de 2020.

ARIÈS, P. **A história da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AMERICAN, P. A. **Dicionário de Psicologia**. Porto Alegre, Brasil: Artmed, 2010.

AXLINE, V. M. **Ludoterapia: A Dinâmica Interior da Criança**. Belo Horizonte: Interlivros, 1984.

BOWLBY, J. **Apego e perda: tristeza e depressão**, v 3, 2ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia** (Natal), Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216, Ago. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28 de março de 2021.

COSTA, T. I. C. **O luto como o vivemos: educar para a perda**. Mestrado em Educação para a Saúde, 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14093>. Acesso em 24 de abril de 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª Edição. São Paulo, Atlas, 2007.

GUERRA, E. L. A. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014

GUERREIRO, E. A Ideia de morte: do medo à libertação. **Diacrítica** vol.28 n.2, Braga 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/dia/v28n2/v28n2a12.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2021.

KOVÁCS, M. J. **Morte no processo do desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1992.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar aos médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LOUZETTE, F. L; GATTI, A. L. Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico. **Iniciação Científica**, p. 77-79, 2007. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0226.pdf>. Acesso em: 24 de abril de 2021

MACHADO, M. C. G.; PASCHOAL, J. D. **Imagens da infância na modernidade: da infância que temos à infância que queremos**. Maringá: UEM, 2007.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é a morte**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

MARTON, S. **A morte como instante de vida**. PUCPRESS. 2018.

NUNES, D. C. et al. As Crianças e o Conceito de Morte. Porto Alegre: **Instituto de Psicologia** UFRGS, 1998. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25652>. Acesso em 20 de abril de 2021.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Conceção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n.2, p. 379-387, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/15.pdf>. Acesso em 01 de dezembro de 2020.

SOUZA, V. **Luto Infantil**: o papel da família no processo de elaboração. 2016.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte**: desafios. 4ªed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

THOMAZ, T. G. C. **As crianças e a temática da morte**: diálogos possíveis. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Educação. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/210232>. Acesso em 28 de novembro de 2020.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças**: A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. São Paulo: Ideias e Letras: 2011.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do luto e terapia do luto**: um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Roca, 2013

YAMAURA, L. P. M.; VERONEZ, F. S. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. **Psicologia hospitalar**. (São Paulo). 2016, vol.14, n.1, pp. 78-93. ISSN 2175-3547. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S167774092016000100005&lng=pt&nrm=iso Acesso em 28 de novembro de 2020.